

EDITORIAL

O número 73 do Boletim Paulista de Geografia traz diversas contribuições sobre a Geografia Física, a Geografia Física Aplicada e a Geografia Ambiental. Com o editorial deste número queremos estimular as reflexões sobre o conceito natureza com um pequeno texto de **Johann Wolfgang von Goethe**. Trata-se de um fragmento extraído do *Tiefurter Journal* e escrito em 1783:

"Natureza! Somos envolvidos e enlaçados por ela, incapazes de escapar dela ou de penetrar mais profundamente nela. Sem pedir licença e sem avisar, ela nos recebe na roda de sua dança e nos arrasta consigo, até ficarmos extenuados e cairmos dos seus braços.

Ela cria eternamente novas formas; o que existe jamais existiu, o que já existiu nunca voltará a existir. Tudo é novo e, mesmo assim, sempre o velho.

Vivemos em seu meio e lhe somos estranhos. Ela fala interminavelmente conosco e não nos revela seu segredo. Agimos constantemente sobre ela e contudo não temos nenhum poder sobre ela.

Ela parece visar em tudo a individualidade e não se importa com o indivíduo. Constrói sempre e destrói sempre e sua oficina é inacessível.

Ela vive entre os inúmeros filhos; e a mãe, onde está? É a única artista: da matéria mais simples aos maiores contrastes; sem aparentar esforço chega à maior perfeição, à determinação mais rigorosa, sempre envolta pela suavidade. Cada uma de suas obras tem essência própria, cada uma de suas manifestações possui um conceito único e, mesmo assim, tudo constitui um só.

Ela apresenta um espetáculo: se ela mesma o assiste, não sabemos, e ainda que estejamos a um canto, é para nós que ela o apresenta.

Nela existe um eterno viver, um vir a ser e um mover-se, mas mesmo assim, ela não avança. Transforma-se eternamente sem um único momento de paralisação. Não sabe o que é ficar parado e amaldiçoou a imobilidade. Ela é firme. Seu passo é cadenciado, raras são suas exceções e imutáveis suas leis.

Ela pensou e reflete permanentemente; não como um ser humano, mas como natureza. Ela reservou para si um sentido próprio e universal, o qual ninguém pode aprender.

Nela existem todos os seres humanos e ela neles todos. Com todos pratica um jogo amigável e quanto mais lhe ganham, mais se alegra. Ela joga com muitos tão às escondidas que o jogo termina antes que o notem.

Mesmo o mais não-natural é natureza. Quem não a vê em toda parte, não a vê bem em lugar nenhum.

Ela ama a si mesma e se fita eternamente, sem medida, com os olhos e com o coração. Dividiu-se para ter prazer consigo mesma. Insaciável em seu desejo de comunicar-se, cria sempre novos desfrutadores.

Ela se alegra com a ilusão. Quem destrói a ilusão em si e nos outros, ela penaliza como o mais terrível tirano. Quem a segue confiantemente, ela o aperta ao peito como uma criança.

Seus filhos são inúmeros. Com nenhum é totalmente árida, mas tem seus preferidos, com os quais esbanja muito e aos quais muito sacrifica. À grandeza ela concedeu sua proteção.

Ela projeta suas criaturas do nada. E não lhes diz de onde vêm e nem para onde vão; só lhes cabe caminhar; ela conhece o trajeto.

Ela tem poucas molas propulsoras, jamais gastas, sempre efetivas, sempre variadas.

Seu espetáculo é sempre novo, porque ela cria sempre novos espectadores. A vida é sua mais bela invenção e a morte é seu artifício para ter muita vida.

Ela envolve o ser humano no torpor e o incentiva eternamente para procurar a luz. Ela o faz dependente da terra, inerte e pesado e ao mesmo tempo sempre o agita.

Ela cria necessidades porque ama o movimento. Milagre, alcançar todo esse movimento com tão pouco. Toda necessidade é benefício: rapidamente satisfeita, rapidamente renascendo. Se ela cria uma nova necessidade, esta se transforma em nova fonte de prazer. Mas logo chega ao equilíbrio.

Ela inicia a todo momento a caminhada mais longa e a todo momento já está no destino.

Ela é a própria vaidade, mas não para nós, para quem se fez de maior importância.

Ela permite que toda criança a retoque, que qualquer bobo a julgue; deixa milhares passarem indiferentes por ela e mesmo assim alegra-se com todos e a todos considera.

Suas leis são obedecidas, mesmo que seja a contragosto; atua-se com ela, mesmo querendo atuar contra.

Tudo o que ela dá, transforma em benefício pois ela torna tudo indispensável. Ela tarda para ser desejada, apressa-se para não enfadar.

Ela não tem linguagem, nem discurso, mas cria línguas e corações através dos quais sente e fala.

Seu coroaamento é o amor. Somente através do amor aproximamos dela. Ela cria abismos entre todos os seres e todos querem entrelaçar-se. Ela isolou tudo para tudo juntar. Com alguns goles do cálice do amor, compensa uma vida cheia de fadiga.

Ela é tudo. Compensa e penaliza a si própria; alegre e maltrata a si própria. É rude e meiga, amável e terrível, impotente e onipotente. Tudo está sempre presente nela. Desconhece passado e futuro. O presente lhe é eternidade. É bondosa. Louvo-a com todas as suas obras. É sábia e calada. Não é possível arrancar-lhe explicações ou obrigá-la a dar presentes que não dê livremente. É astuta, mas para um bom objetivo; o melhor é não reparar em sua astúcia.

Ela é completa, e ainda assim, sempre inacabada. Assim como age, sempre poderá agir.

Aparece de uma forma particular a cada um. Oculta-se em mil nomes e termos, e é sempre a mesma.

Ela me fez entrar e me conduzirá para fora. Confio-me a ela. Pode dispor livremente de mim. Não odiará sua obra. Não falei dela. Não, foi ela que falou tudo o que está certo e o que está errado. Tudo é sua culpa, tudo é seu mérito."¹

1 O texto foi traduzido pelo grupo de trabalho "Alemão Instrumental" do Laboratório de Geografia Urbana do Depto. de Geografia - FFLCH/USP.